

ADRIANA HAAS

40 e picos

A viagem está só começando

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023



Introdução

Glennon Doyle passou por isso. Shonda Rhimes também. Escreveram livros a respeito. Quer dizer: não exatamente sobre isso, mas sobre o estranho sentimento de desajuste que aparece em uma vida perfeitamente ajustada.

Glennon já era escritora reconhecida e ganhava dinheiro com isso, viajando pelos Estados Unidos para divulgar seus livros. Havia superado a bulimia e o alcoolismo quando ninguém mais acreditava nela, casou-se e teve três filhos. Do que poderia reclamar?

Shonda Rhimes já brilhava como roteirista e produtora de Hollywood, a quem eram solicitados autógrafos, entrevistas, discursos e presença em grandes eventos. Mas no meio de uma noite qualquer, acordou, olhou-se no espelho e viu-se infeliz.

Nenhuma das duas sabia de onde vinha aquele sentimento. Por que estavam infelizes em suas vidas perfeitas? Haviam conquistado tudo o que a maioria de nós nem ousaria sonhar. Ambas foram entrevistadas pela Oprah Winfrey (o que é um bom indicativo de sucesso). Mas havia algo errado.

Ah, se tivéssemos intimidade... Eu as chamaria para beber um vinho em casa e lhes contaria sobre minha suspeita: elas estavam passando pela crise da meia-idade, um nome que não

aprecio, mas serve pra puxar a conversa. Esperando pelas pizzas, trocaríamos impressões sobre incompletude, sobre sentir que tem alguma coisa errada sem saber o que é, sobre o medo de ficarmos velhas, de olhar para trás e enxergar uma trajetória sem significado. E nos surpreenderíamos com o tanto em comum entre três mulheres tão diferentes. Na segunda taça, eu confidenciaria:

– Quando passei por isso, não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Achava que era só comigo e ainda me sentia ingrata por estar reclamando. Eu tinha um ótimo emprego, saúde, relacionamentos, mas não estava feliz.

– É isso! Eu me senti exatamente assim! E fiquei imaginando a Malala, que levou um tiro na cara porque queria estudar, me julgando por ser a Shonda Rhimes e ficar de mimimi.

Então, daria meu palpite: a vida estava nos conformes, mas faltava calor, libido. Lembraria da impressão que me assombrou na primeira imagem do livro “Indomável”, da Glennon, logo no prólogo: a de um guepardo que, criado em cativeiro, não conhecia a própria natureza. De tanto tempo vivendo nos limites da jaula, acostumou-se a eles, achando que não havia nada além – ou que, se houvesse, estava distante demais. Era eu.

Na vida encaixadinha, faltava o que havia de selvagem em mim. Faltava escutar minha natureza e abrir a porta da jaula para que ela saísse, mesmo assustada. Ainda que, naquele momento, não pudesse ver nada para mim fora das grades.

Escritores adoram metáforas, então vou usar mais uma para tentar decifrar esse sentimento tão confuso. Pense nas placas tectônicas, essas que ficam no subsolo do planeta e, de vez em quando, se mexem causando terremotos. Era um movimento

parecido com o delas: interno, escondido, lento. Aos poucos, o material ardente feito lava vai ocupando todos os espaços internos até que, sem mais caber nas profundezas, explode como um vulcão.

A diferença é que os vulcões ativos são monitorados. Cientistas medem e avaliam qualquer movimentação a tempo de, em caso de perigo, alertar pra que todo mundo saia correndo e salve o que tiver de mais precioso. Isso não acontece com as mulheres maduras, que são consideradas vulcões extintos, de chama contida. Com elas está tudo sob controle. Na superfície.

Glennon e Shonda me olham com aqueles olhos de quem está tremendo por dentro. Elas também são o guepardo e o vulcão.

Finalmente, quando estivéssemos entrando em um suave pique, eu falaria: é uma fase confusa mesmo, até assustadora. Mas sabe o que é pior? Achar que estamos sozinhas, que só a gente sente isso. E procuramos algo para justificar: o relacionamento morno, os quilos a mais, o trabalho sem propósito, os filhos que estão seguindo as próprias vidas.

Mas o buraco é mais fundo e a gente não fala sobre isso. Me refiro a conversas profundas, honestas e reveladoras, a compartilhar sem medo o que nos é mais sensível. Conversas que guardamos junto com esse turbilhão de sentimentos, achando que precisamos resolver sozinhas. Isoladas.

É por isso que eu gostaria de ter conversado com Glennon e Shonda, comendo pizza, jogadas no tapete e enroladas em cobertores. Eu contaria o que vivi e escutaria o que elas passaram, e nos congregaríamos entre lágrimas e gargalhadas. Sem julgamentos, cada uma sabe das suas misérias. Talvez isso

resultasse em um livro escrito a seis mãos e três taças. A transição da metade da vida tem um potencial enorme para criar obras de arte. A gente só precisa se movimentar para sair do escuro e encontrar um rumo que faça sentido para os muitos anos que vêm pela frente.

Parte 1

0 embarque







LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Open Sans
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2023.
